

## O GÊNERO MULTIMODAL CARTUM E SUA ARTICULAÇÃO COM O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Alex Caldas SIMÕES  
Universidade Federal de Viçosa  
axbr1@yahoo.com.br

**Resumo:** Em nossa exposição, apresentaremos a teoria sistêmico-funcional proposta por Hasan (1989) como forma de instrumentalizar os professores de língua materna para o trabalho com os gêneros multimodais em sala de aula. Como *corpus* de pesquisa configuraremos o gênero cartum, ao deprendermos a Estrutura Potencial (EPG) de 20 cartuns de Allan Sieber, contidos no livro *Assim rasteja a humanidade*, de 2006. Concluímos que configurar gêneros é uma tarefa essencial para o entendimento e aprofundamento da noção de gênero em sala de aula. Entender as especificidades do gênero, no nosso caso o do gênero cartum, por meio de sua configuração parece ser uma atividade *sine qua non* para instrumentalização desse objeto no ensino de línguas. Ainda assim pesquisas destinadas a configuração de gêneros ainda são escassas. De nossa discussão, compreendemos ainda que ao deprendermos a Estrutura Potencial dos Gêneros (EPG) podemos evidenciar, mais facilmente, para os alunos a importância do contexto para o texto e ainda indicar: (a) “o que ensinar do gênero”, ou seja, seus estágios obrigatórios; e (b) “como”, ou seja, por meio da configuração de sua Estrutura Potencial (EPG).

**Palavras-chave:** Gêneros Multimodais; Cartum; Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF), Estrutura Potencial do Gênero (EPG); Ensino de Língua Portuguesa.

### 1. INTRODUÇÃO

Já não é novidade que hoje o ensino de língua materna tem se direcionado para o ensino do texto em sala de aula, materializado em algum gênero do discurso (Cf. PCN, 1998). Tal postulação vem instigando diversos pesquisadores, das mais diversas áreas de estudo do objeto, a investigar a questão: como levar os gêneros discursivos para sala de aula? Como ensinar língua portuguesa tomando como diretriz os gêneros (Cf. SOARES, 2009), e, no nosso caso, tomando como diretriz os gêneros multimodais<sup>1</sup>? Afinal, que tipo de estratégias, teorias e métodos podem ser utilizados quando resolvemos instrumentalizar os gêneros multimodais no ensino de língua portuguesa?

Em nossa pesquisa apresentaremos a teoria sistêmico-funcional (Cf. HASAN, 1989; 2005), como forma de instrumentalizar os professores de língua materna para o trabalho com os gêneros multimodais em sala de aula. Como *corpus* de pesquisa configuraremos o gênero cartum<sup>2</sup>, ao deprendermos a Estrutura Potencial (EPG) de 20 cartuns de Allan Sieber,

---

<sup>1</sup> Podemos entender aqui multimodalidade como sendo os textos “nos quais mais de uma modalidade converge em uma situação para produzir significado. O canal lingüístico em textos multimodais pode ser falado ou escrito ou qualquer combinação desses e de outros modos semióticos implantado pode ser físico ou visual ou qualquer combinação desses” (BOWCHER, 2007, p. 630).

<sup>2</sup> Essa configuração é resgatada de nossa dissertação de mestrado: “A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura” – Simões (2010). Os estudos de Hasan (1989; 2005) se pautam na análise do texto verbal. Entretanto, uma análise

contidos no livro *Assim rasteja a humanidade*, de 2006. Ao final de nossa discussão, apresentaremos nossas conclusões finais sobre o assunto.

## 2. A postulação sistêmico-funcional de análise de gêneros de Ruqayia Hasan

Hasan procura em suas pesquisas demonstrar que o contexto é um elemento importante na análise/compreensão de qualquer texto. Para Hasan (1989; 2005) por meio das singularidades do contexto podemos prever os elementos da estrutura de um texto, ou seja, podemos prever que elementos *devem* ocorrer (seus estágios obrigatórios), que elementos *podem* ocorrer (seus estágios opcionais) e que elementos *podem ocorrer com certa frequência* (seus os estágios eletivos ou recursivos)<sup>3</sup>.

A fim de instrumentalizar essa postulação, a autora (1989) propõe o conceito de Configuração Contextual (ou CC), que pode ser entendido aqui como um conjunto específico de valores que são realizados pelo registro – ou contexto de situação –, composto por campo, relação e modo. Por meio da expressão verbal de uma configuração contextual (CC) configuramos, então, a Estrutura Potencial de um Gênero (EPG). A EPG, portanto, corresponde a um instrumento discursivo bastante produtivo, pois, por meio dela, pode-se expressar todas as possibilidades estruturais de um texto em uma dada situação, ou seja, seus estágios obrigatórios, opcionais e recursivos.

Com intuito de ilustrar a sua exposição, Hasan (1989), ao se referir à Estrutura Potencial de Gênero (EPG), apresenta alguns sinais gráficos que auxiliam os pesquisadores na exposição de uma EPG. A partir de Hasan (1989) e Eggins (1994), apresentamos abaixo alguns sinais gráficos utilizados pela Sistêmico-Funcional para expressar a Estrutura Potencial de Gênero:

- ^ = Seqüência;
- \* = Estágio Obrigatório, porém não ocorre sempre na mesma ordem;
- () = Estágios Opcionais;
- ↵ = Estágios Recursivos;
- ↵{ } = Estágios Recursivos, na ordem fixa estabelecida entre chaves.

(Fig. 1 – Sinais gráficos de representação da EPG)

Vale ressaltar ainda que Hasan (1989; 2005) não define a noção de gênero em sua pesquisa, mas evidência que o mesmo pode ser instrumentalizado a partir da noção de registro. Dessa forma, do registro (campo, relação e modo / contexto de situação) emergem valores específicos (Configuração Contextual – CC) que se expressam verbalmente por meio de estágios, em especial os obrigatórios, que é o que define um gênero discursivo.

Tomando as palavras de Hasan, podemos dizer que:

---

multimodal que contemple aspectos verbais e não-verbais, pode ser feita (embora pouco provável), como foi comprovado em nossa pesquisa.

- “[u]m gênero é conhecido pelos significados associados a ele” (HASAN, 1989, p. 108);
- “[o]s gêneros tem uma relação lógica com a CC, sendo sua expressão verbal. Se a CC é uma classe de tipos de situação, então gênero é linguagem fazendo o trabalho apropriado para aquela classe de acontecimentos sociais” (HASAN, 1989, p. 108);
- “[g]êneros podem variar sutilmente da mesma maneira que o contexto. Mas para o mesmo dado texto pertencer a um mesmo gênero específico, sua estrutura deve ter alguma possibilidade de realização na dada EPG” (HASAN, 1989, p. 108);
- “[...] os textos pertencentes ao mesmo gênero podem variar em sua estrutura, o que eles não podem variar sem conseqüências para a sua atribuição genérica são os elementos obrigatórios e sua disposição na EPG” (HASAN, 1989, p. 108).

Feitas as nossas considerações sobre as postulações de gêneros de Hasan, passaremos, na seção seguinte, a discorre sobre o nosso *corpus* de investigação, o gênero multimodal cartum produzido por Allan Sieber na obra *Assim rasteja a humanidade*, publicada em 2006 pela editora desiderata.

### 3. Os cartuns de Allan Sieber em *Assim rasteja a humanidade*

Considerado ácido e deveras sarcástico, o gaúcho Allan Sieber é apontado pela mídia como o mais promissor caricaturista da atualidade. Vencedor do troféu HQ-Mix de revelação no ano de 2004 – considerado o Oscar dos quadrinhos no Brasil –, o autor produz cartuns, tiras e ilustrações para muitas mídias (Cf. site pessoal do Autor). Dentre as suas mais famosas criações está a série de tiras *Preto no Branco*, *Mommys Boys* e *Vida de Estagiário* – que recentemente virou um sitcom na Tv Cultura em 8 episódios (Cf. site pessoal do Autor) –, todas publicadas pela *Folha de S. Paulo* desde 2000.

Allan Sieber ainda publicou no Estado de São Paulo e hoje é colaborador fixo da revista *Playboy* e *Folha de S. Paulo*. O autor também se dedica à animação tendo produzido diversos filmetos, como as animações do filme de Jorge Furtado *O homem que copiava* e as aberturas do programa *Global Muvuca* e da mini-série *A invenção do Brasil*. Allan também participou da criação da *Revista F.* juntamente com Arnaldo Branco, tentativa do humor de caricatura no Brasil, publicada pela editora Conrad em 2004.

Selecionamos deste autor o livro de cartuns *Assim rasteja a humanidade* (2006) (Fig. 2), que retrata situações inusitadas. Nas palavras de Jaguar, em prefácio do livro:

“[s]e a função do humorista é mostrar que o rei está nu, Allan Sieber vai além e diz que o pau do rei é pequeno. Não há perdão e não se fazem prisioneiros neste livro. A metralhadora atinge todas as classes sociais, profissões, religiões, ou sexos (inclusive alguns criados recentemente), sem problemas de virar o cano para si mesmo.” (SIEBER, 2006, orelha).



(Fig. 2 – Corpus de pesquisa)

Vale ressaltar que o gênero cartum é muito confundido com outros gêneros multimodais, tais como a charge, a tira cômica e a caricatura (Cf. SIMÕES, 2010). Sendo assim, fica cada vez mais clara a necessidade de configurar gêneros no ensino de língua portuguesa para evitar confusões terminológicas, de conteúdo, finalidade e outras. Entendemos, portanto, que configurar gêneros é uma atividade *sine qua non* para instrumentalização dos gêneros no ensino de língua materna (Cf. SIMÕES, 2011). É por esse motivo que na próxima seção configuraremos o gênero cartum, como forma de entender melhor o seu funcionamento semântico, discursivo e textual.

#### 4. A estrutura potencial do gênero multimodal cartum

##### 4.1. Contexto de Situação (registro)

O Contexto de Situação do gênero multimodal cartum é estruturado por: (a) um *campo*, onde há uma exposição imagética de experiências atemporais vividas e compartilhadas por uma sociedade e por uma cultura particular com vistas à memorização e à documentação de ações humanas singulares, reais – ainda que satirizadas –; (b) uma *relação*, identificada como autor (Cartunista, produtor da exposição imagética) e leitor (interessado(s) em exposições sociais por meio de imagens); e (c) um *modo*, identificado como uma linguagem escrita construída a partir da associação de imagens e textos.

## 4.2. Contexto de Cultura (gênero)

A Estrutura Potencial do Gênero (EPG) configurada do cartum, pode ser assim descrita (Figura 3):

$$\text{It}d^* \wedge (C) \wedge (\text{Tit}) \wedge P^* \wedge B \downarrow \wedge \text{On} \downarrow \wedge \text{Lt} \downarrow \wedge \\ (\text{Sar}) \wedge (\text{Rq}) \wedge (\text{Cen}) \wedge (S) \wedge \text{Aau}^*$$

(Figura 3 – Estrutura Potencial do Gênero (EPG) cartum)

Onde:

Estágios Obrigatórios	(1) Interdiscursividade (It) <ul style="list-style-type: none"> <li>• Doxa (Dx)</li> <li>• Atemporalidade (Atemp)</li> </ul> (2) Personagem (Figurante) (P) (3) Assinatura autoral (Aau)
Estágios Opcionais <sup>4</sup>	(1) Título (Tit) - (2) Cor (C) - (3) Sargeta (Sar) - (4) Requadro (Rq) (5) Cenário (Cen) - (6) Seriação (S)
Estágios recursivos (ou iterativos)	(1) Balão (B) - (2) Onomatopéia (On) - (3) Linhas e traços (Lt)

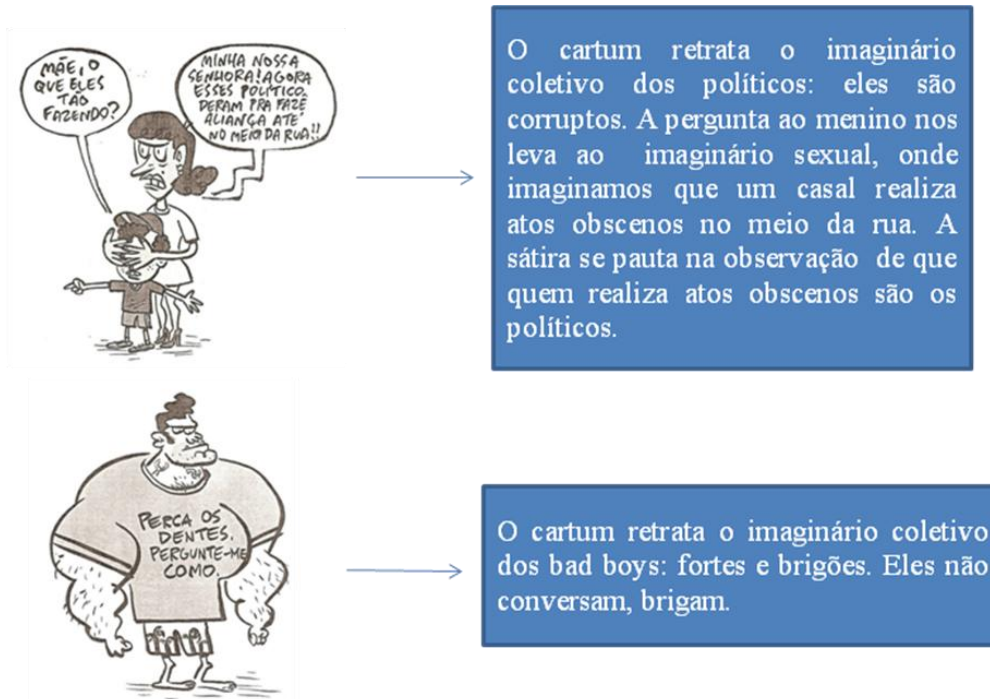
(Tabela 1 – Siglas da EPG e delimitação de estágios do Cartum)

Por questões metodológicas e de formatação do artigo, discorreremos aqui somente sobre os estágios obrigatórios, aqueles que segundo Hasan (1989; 2005) definem um gênero do discurso, no nosso caso o gênero cartum. Outros detalhes podem ser vistos em nossa dissertação de mestrado (Cf. SIMÕES, 2010). Dessa forma, temos os seguintes estágios obrigatórios: interdiscursividade, personagem (figurante) e assinatura autoral.

O primeiro elemento, a *interdiscursividade*, tem por finalidade expor um fato atemporal que represente a memória coletiva de uma sociedade ou cultura, ainda que satirizada (Fig. 4). Dentre as características deste estágio temos que: (a) O cartum se forma a partir de um imaginário social coletivo<sup>5</sup>, social, político ou cultural, ainda que distorcido (satirizado/ironizado ou outro); (b) O fato relatado no cartum é atemporal, uma vez que partiu de um imaginário social compartilhado. Devido a isso, é muito provável que tal fato ainda seja reconhecido pela sociedade muitos anos depois de ter sido retratado; (c) Geralmente, o cartum nos faz lembrar, enquanto leitores, de alguma situação social particular ou fato corriqueiro do dia-a-dia.

<sup>4</sup> Para melhor compreensão dos termos em destaque pertencentes a linguagem dos quadrinhos consultar Ramos (2009).

<sup>5</sup> Podemos aproximar o que chamamos de “imaginário coletivo” do conceito discursivo de doxa, como propõe Amossy (2005, p. 125) – onde doxa corresponde ao “saber prévio que o auditório possui sobre o orador”, ou seja, um saber compartilhado por uma sociedade. Outras correntes teóricas da lingüística podem chamar tal termo de: crenças (Cf. BARCELOS, 2007); imaginário sócio-discursivo (Cf. CHARAUDEAU, 2008), entre outros.



(Fig. 4 – Estágio Obrigatório Interdiscursividade)  
(Fonte: SIEBER, 2006, p. 23, 39)

O segundo estágio obrigatório do cartum é item chamado de assinatura autoral. Ele demarcar a autoria da cartum. Dentre as características deste estágio temos que: (a) Surge cartunizado<sup>6</sup> de modo característico; (b) Não possui um lugar fixo de aparecimento. Entretanto há uma certa recorrência embaixo, à direita ou à esquerda; (c) No caso dos cartuns de *Assim rasteja a humanidade*, a assinatura autoral é inferida pela capa do livro – aqui este evento parece condicionado à relação gênero-suporte. (para mais detalhes ver SIMÕES, 2010). Parece ser requerida, entretanto, quando há uma parceria entre autores (Fig. 5).



(Fig. 5 – Estágio Obrigatório Assinatura Autoral)  
(Fonte: SIEBER, 2006, p. 15, 65)

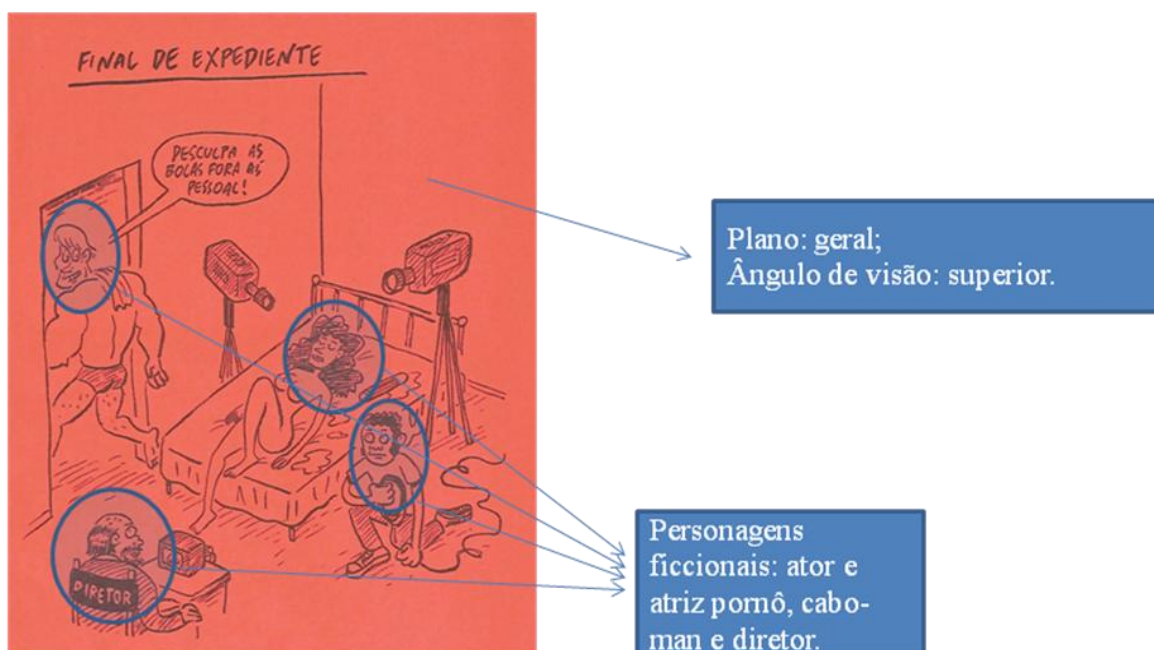
<sup>6</sup> O termo cartunizado é utilizado aqui no sentido que dá McCloud (1995): a forma de transformar idéias ou palavras em imagens.

O último estágio obrigatório de configuração da Estrutura Potencial do Gênero (EPG) cartum é o chamado personagem (figurante). O objetivo deste estágio é ilustrar uma cena cotidiana presente na memória coletiva de uma sociedade ou cultura, ainda que satirizada. Dentre as características deste estágio temos que este: (a) É retratado de forma cartunizada, geralmente com traços característicos de seu autor. Geralmente, não retrata uma pessoa em particular, mas uma coletividade – homens ou mulheres no geral – (Fig. 6) –; (b) É um personagem figurante, uma vez que não se repete em outras situações ou cartuns. O personagem figurante na cena pode ser apenas um, ou mais de um. Ele pode ou não interagir com o cenário ou com outros personagens figurantes;



(Fig. 6 – Estágio Obrigatório Personagem Figurante)  
(Fonte: SIEBER, 2006, p. 36-37)

(c) Pode ser retratado como um personagem real, autobiográfico ou outro; (d) Se apresenta por meio de um enquadramento específico (plano geral, médio, close), juntamente por um ângulo de visão particular (superior, inferior e médio) (Fig. 7).



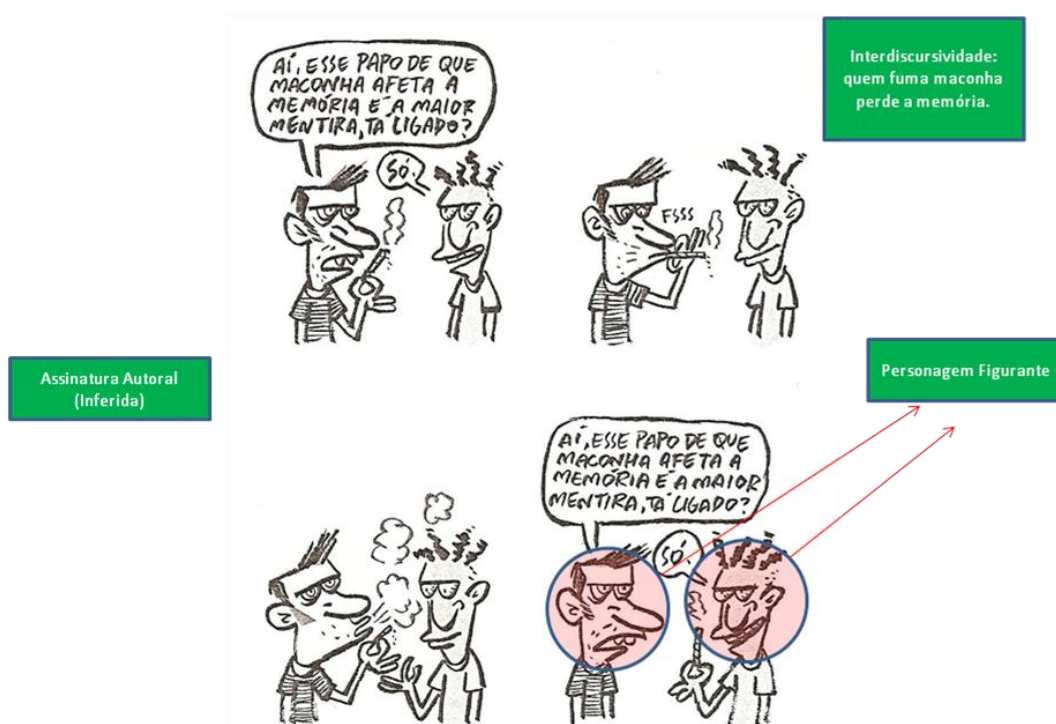
(Fig. 7 – Personagem Figurante: Planos e ângulos de visão)  
(Fonte: SIEBER, 2006, p. 100)

Feitas as nossas considerações sobre a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) cartum, sendo enfatizando principalmente os estágios obrigatórios definitórios do gênero (Cf. HASAN, 1989; 2005), passaremos, em nossa última seção, as nossas considerações finais sobre o gênero multimodal cartum, onde apresentaremos sua articulação com o ensino de língua portuguesa.

## 5. Considerações Finais

Em nossa exposição vimos que atualmente o ensino de língua materna tem se direcionado para o ensino do texto em sala de aula, materializado em algum gênero do discurso. Essa postulação, portanto, tem instigado pesquisadores das mais diversas áreas de estudo do objeto a investigar a questão: como levar os gêneros discursivos para sala de aula? Instigados por essa questão, pesquisadores ainda se indagam como utilizar os gêneros multimodais como objeto de ensino das aulas de língua portuguesa. Afinal, que tipo de estratégias, teorias e métodos podem ser utilizados nessa tarefa?

Diante dessas questões, apresentamos aqui a teoria sistêmico-funcional proposta por Hasan (1989; 2005) como forma de instrumentalizar os professores de língua materna para o trabalho com os gêneros multimodais em sala de aula. Para a autora (1989; 2005) por meio das singularidades do contexto podemos prever os elementos da estrutura de um texto, ou seja, seus estágios obrigatórios, opcionais e iterativos (ou recursivos). Foi nesse sentido que resgatamos a configuração do gênero cartum realizada por Simões (2010) em sua dissertação de mestrado. Dessa configuração, concluímos que o cartum, ao menos em nosso corpus de estudo – que foi composto por 20 cartuns do livro *Assim rasteja a Humanidade*, do cartunista Allan Sieber –, é configurado pelos estágios obrigatórios: interdiscursividade, personagem (figurante) e assinatura autoral. Há ainda estágios opcionais (título, cor, sargeta, requadro, cenário e seriação) e recursivos (balão, onomatopéia, e linhas e traços) (Fig. 8).





(Fig. 8 – A configuração do gênero multimodal cartum)

Diante da configuração de gêneros, sejam eles considerados multimodais ou não, concluímos que configurar gêneros é uma tarefa essencial para o entendimento e aprofundamento da noção de gênero em sala de aula. Ao nosso ver não há como entender de fato um gênero discursivo sem instrumentos teóricos que nos levem a configurá-lo, afinal: a configuração de gêneros parece ser uma atividade *sine qua non* para instrumentalização desse objeto no ensino de línguas.

Apesar disso, pesquisas destinadas a configuração de gêneros ainda são escassas. Há gêneros, como os multimodais, que nunca foram configurados, pois nem mesmo foram ainda considerados gêneros legítimos, como ocorre com a ilustração, o quadrinho, entre outros.

Por fim, cabe dizer que a configuração de gêneros, sejam eles quais forem, tem se constituído em instrumento discursivo relevante nas práticas didáticas do ensino de língua materna, uma vez que a exposição de uma configuração de gêneros em sala de aula evidencia o comportamento social e discursivo desse gênero. Por meio do aporte teórico-metodológico da Linguística Sistemico-Funcional (Cf. HASAN, 1989; 2005) indica-se “o que” ensinar do gênero, ou seja, os conteúdos (os estágios obrigatórios), e “como”, a pedagogia (por meio da configuração da Estrutura Potencial do Gênero (EPG).

Evidenciar a Estrutura Potencial do Gênero (EPG), portanto, é fazer o aluno se desprender do estudo da forma dos textos e começar a perceber o processo de construção discursiva e textual do gênero em foco, aliando texto e contexto. Dessa forma, ao levar as configurações para sala de aula, os alunos perceberão o que deve ter um cartum para ser o gênero cartum. Descobrirão também porque esses elementos definem um cartum enquanto cartum, e, perceberão, por fim, como produzir e ler de forma otimizada tal texto, além é claro de perceber as motivações contextuais para a existência das estruturas dos cartuns em questão.

### Referências Bibliográficas

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (org). *Imagens de si no discurso – a constituição do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-28.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v7, n°2, 2007. p. 109-138.

BOWCHER, W. L. Field and multimodal texts. In: HASAN, R.; MATHIESSEN, C.; WEBSTER, J. *Continuing Discourse on language: a functional perspective*. V2. Equinox, 2007. p. 619-646.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso – modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter Publishers, 1994. p. 25-80.

HASAN, R. Language and society in a systemic functional perspective. In: HASAN, R.; MATHIESSEN C.; WEBSTER, J. J. *Continuing Discourse on Language*. London: Equinox Publishing LTD, 2005. p. 55-78.

HASAN, R. The structure of a text the identity of text. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University press, 1989.

MCCLLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. Tradução Hécio de Carvalho; Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

PCN – *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ministério da Educação - MEC, 1998.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SIEBER, A. *Assim Rasteja a Humanidade*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

SIMÕES, A. C. A configuração do gênero caricatura: uma abordagem sistêmico-funcional. *Revista Prolíngua*. Vol. 6. nº2. Jan./Jun. 2011.

SIMÕES, A. C. *A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura*. Viçosa, 2010. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Viçosa.

SOARES, M. Prefácio. In: COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2ªEd. Rev. Ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 7-9.